

## Discurso Rogerio Schietti Machado Cruz

Minha saudação a todos.

Este momento é **inapagável de minha memória**. Ao lado de meus familiares e amigos, e honrado com a presença de tantas autoridades, dos mais variados segmentos da República, eu quero lhes dizer, com o calor de meu coração, **muito obrigado**.

Se a expressividade deste auditório diz algo para mim é: todos os presentes de algum modo reconhecem qualidades e valores idênticos aos que eu e toda minha equipe procuramos cultivar nos dois anos de nossa administração. E ao passar os olhos sobre esta sala, a visão de cada um dos que se fazem presentes me evoca ricas lembranças de um tempo de muita semeadura e de farta colheita.

Eu gostaria muito de poder externar essa minha gratidão, nominando cada um dos senhores e das senhoras; cada um dos colegas, membros e servidores desta casa; cada um daqueles, desde os mais humildes colaboradores até as mais altas autoridades, que vejo nesta sala, compartilhando este preito tão importante para a nossa memória.

Proponho-lhes, todavia, em nome da brevidade e para não cometer injustas omissões, fazê-lo de outro modo. Proponho-lhes que a minha gratidão seja estendida a todos os aqui presentes pela memória dos dois amigos

que trilharam conosco essa jornada e que, por vontade divina, não mais habitam este mundo: MARGARIDA VIEIRA TEIXEIRA e ANDRELINO BENTO SANTOS FILHO, fiéis e dedicados colaboradores, com quem tive o privilégio e a honra de trabalhar e dividir os bons e maus momentos de nossa caminhada. Margarida e Andrelino, ícones da história do MPDFT, bem simbolizam a imagem de um período que vivemos com muita intensidade e com muito comprometimento com esta Instituição.

Foi assim que construímos uma parceria, interna e externa, de modo a ficar claro, para todos com quem convivemos, pessoal e institucionalmente, que nossos interesses estavam sempre voltados para o bem comum e a restar evidenciado que a ocupação temporária do cargo de Procurador-Geral de Justiça e o desempenho de suas funções eram – como deve ser em uma República – apenas um veículo condutor dos interesses superiores da sociedade.

Lembro aqui Padre ANTONIO VIEIRA: “O cargo igualmente pesa, como decorosamente honra”.

Meus queridos familiares, amigos, senhoras e senhores. Durante os dois anos em que tive a honra de ocupar o cargo máximo desta Casa, procurei carregar esse jugo com leveza. A receita que segui: alegria no servir, trabalho incessante e a vontade de construir coisas

boas, de maneira a suplantar meus defeitos, vaidades e limitações.

Essa postura me permitiu não temer colher as rosas no jardim que cultivamos, ainda que sob o custo de arranhar-me com alguns poucos espinhos. E foram com estes, os espinhos, e não com o prazeroso aroma das rosas colhidas, que mais aprendi.

Também lutei para não reproduzir a frase pronunciada pelo Imperador Tito a seus amigos ao final de uma jornada: *Amici, diem perdid* (“Amigos, um dia perdido”). Essa era, acreditem, minha obstinada preocupação permanente, condição paradoxalmente *indispensável* para minha tranqüilidade ao final de cada dia de trabalho e ao final do biênio que programei passar na Procuradoria-Geral de Justiça.

Eu tive a sorte e a benção de contar com uma equipe fantástica de profissionais, todos empenhados e irmanados em realizar os projetos que concebemos para engrandecer e tornar nossa Instituição mais humana, republicana e eficaz. Com eles realizamos muito e tenho orgulho de poder dizer isso publicamente.

Para minha pessoal lisonja estão hoje aqui presentes os ex-Procuradores-Gerais de Justiça HUMBERTO ADJUTO ULHOA, EDUARDO ALBUQUERQUE e JOSÉ EDUARDO SABO PAES, em ato sob a solene

Presidência de nossa atual PGJ, EUNICE PEREIRA AMORIM CARVALHIDO, aos quais me reverencio.

Todos eles deixaram importantes e positivas marcas de suas administrações, mas creio estarmos cientes de que, pelo caráter impiedoso do tempo, muitos registros históricos de nosso legado serão colocados de lado. Daí a importância de que, ao menos, nos reste o retrato a perpetuar.

Sem embargo, tudo o que o Ministério Público foi, é e será, deve-se, em boa parte, ao que cada um de nós, Procuradores-Gerais de Justiça, pôde oferecer à construção de nossa imagem perante a sociedade e perante nós mesmos. Mesmo se, eventualmente, o legado não tenha sido o esperado, ou que até mesmo tenha colocado sob risco o elevado conceito de que goza esta instituição, ainda assim terá ela crescido e amadurecido, como, aliás, ocorre com as pessoas, que se valem dos momentos difíceis, dos tropeços e das crises para se fortalecer, se vigiar e, quando preciso, se reinventar.

Afinal, são as dificuldades que mostram os homens.

Esse trabalho, aliás, está sendo feito, com excelência, pela Procuradora-Geral de Justiça, Doutora Eunice Pereira Amorim Carvalhido, cujas liderança, empenho e capacidade têm otimizado, com o concurso de nossos

membros e servidores, a valorização deste órgão a quem temos, todos, a honra de pertencer.

Eu encerro com o adorno e a simbologia de um pensamento machadiano:

“Se a velhice quer dizer cabelos brancos, se a mocidade quer dizer ilusões frescas, não sou moço nem velho. Realizo literalmente a expressão francesa: “un homme entre deux ages” (um homem entre duas idades). Estou tão longe da infância quanto da decrepitude, não anseio pelo futuro, mas também não choro pelo passado. Nisto sou uma exceção de muitos outros homens que, diz um romancista, passam a primeira metade da vida a desejar a segunda, e a segunda a ter saudades da primeira.”

Sinto-me assim no dia de hoje: vivendo intensamente o presente, sem a melancólica nostalgia por um ditoso passado e muito menos sem a incômoda ansiedade por um incerto futuro, que não me pertence.

**Só sei que não perdi o dia e que não perdi os anos.**